

Uniforme de executivo fica cada vez mais casual

Vanessa Barone

Companhias relaxam código de vestuário nos escritórios

O "uniforme" do mundo executivo não é exatamente um poço de criatividade. Costume, camisa social e gravata compõem o guarda-roupa básico dos homens que tomam decisões dentro de pequenas ou grandes empresas. Essa linguagem de moda tem pelo menos um século, ainda impera em boa parte dos ambientes corporativos, mas um gradativo "relaxamento" do visual parece estar em curso.

Nos anos 90, a adoção do "casual-Friday" - a liberação do costume e da gravata às sextas-feiras - por empresas de diversos segmentos, ameaçou a hegemonia do estilo formal. Afinal, se a regra valia para as sextas-feiras poderia muito bem invadir outros dias da semana. Isso não aconteceu, mas encontrar um representante de alto escalão sem gravata é cada vez mais comum.

No Santander até jeans é permitido e o costume e a gravata foram abolidos quando não há relação direta com o cliente

"Claro que tudo depende de onde se trabalha, mas o que tenho visto, sobretudo em multinacionais, é a substituição do costume e da gravata por calça, camisa e blazer", diz a consultora de imagem Christiana Francini, da consultoria Francini Martins. Ela alerta, porém que, apesar de menos formal, esse novo figurino não pode ser confundido com roupa de fim de semana. "A camisa, por exemplo, tem de ter o colarinho duro."

A tendência é confirmada por algumas empresas. É o caso do banco Santander que, no final de 2009, alterou seus códigos de vestimenta para desobrigar seus funcionários de usar costume e gravata o tempo todo. "Quando não há relação direta com o cliente nem uma reunião importante, não se exige roupa formal", diz Maria Cristina Carvalho, superintendente executiva de recursos humanos do Santander. Segundo ela, a tendência de um maior relaxamento da roupa executiva existe e tem sido muito bem recebida pelos funcionários. Nos escritórios do Santander, até o jeans é permitido, desde que a peça escolhida seja discreta. "Fomos muito felizes na orientação aos funcionários. Não há abusos como leggings ou calças de moletom."

Na Pepsico a roupa casual é adotada faz tempo. "É muito raro alguém usar costume na empresa. Mesmo o presidente e o vice-presidente usam jeans", diz Simone Karpinkas, gerente de educação corporativa e desenvolvimento organizacional da Pepsico. O hábito, diz, é motivado pela natureza dos negócios da empresa e do clima do país. "O brasileiro é mais casual, naturalmente."

O vice-presidente da Renault no Brasil, Alain Tissier, observa que o sucesso de uma companhia não pode estar atrelado à imagem de seus executivos. "A crise de 2009, por exemplo, foi criada por pessoas que usavam costume e gravata". Tissier praticamente aboliu a roupa formal do guarda-roupa. "Fiz isso desde que pisei no Brasil, em 1993, e vi que nem o presidente usava gravata." Para ele, a roupa casual favorece o surgimento de novas ideias e soluções criativas para os problemas. "A roupa descontraída leva a um pensar diferente", diz o executivo. Isso não significa bagunça. A ordem do momento continua sendo a de aumentar a produtividade, mas o uniforme pouco importa. "Quem disse que vestir gravata deixa alguém mais produtivo?"

"Quem disse que vestir gravata deixa alguém mais produtivo?", diz Tissier, vice-presidente da Renault no Brasil

Para João Paulo Camargo, diretor da consultoria Asap, especializada em recrutamento de executivos, a tendência não pode ser generalizada. A flexibilização do traje formal existe, mas não em todos os ambientes. "Escritórios de advocacia e bancos ainda são locais em que geralmente se exige o costume e a gravata", diz Camargo. Já em outros tipos de empresas a

roupa formal é necessária em algumas ocasiões, como encontro com clientes e reuniões importantes.

O próprio consultor, apesar de transitar por vários tipos de empresas, aboliu o costume e a gravata - trocando o conjunto pelo trio calça jeans, camisa e blazer. "Para estar bem vestido de roupa casual, as peças têm de ter qualidade. A camisa, por exemplo, precisa estar passada e o blazer tem de ser de tecido bom e com ótimo caimento", afirma. "O sapato é outra coisa que entrega muito e, por isso, precisa estar bem cuidado."

As cores merecem atenção. Camargo sugere o branco, o azul ou o rosa para as camisas e o preto e o azul para as calças sociais. Fora dessas nuances, o risco de escorregar na elegância é grande, diz.

No varejo a mudança nos humores da moda masculina já pode ser sentida. "Não percebemos queda na venda de costumes, por outro lado, houve aumento nas vendas da linha casual", diz Rita Coelho, coordenadora de marketing da Vila Romana, grife masculina com 32 lojas espalhadas no Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. "Muitas empresas estão migrando para a roupa casual, mas o costume ainda é visto como sinônimo de credibilidade."

Vale lembrar que um guarda-roupa casual para o trabalho não inclui bermudas, chinelos ou camisetas - com exceção para ambientes muito descontraídos, como agências de publicidade. Para não errar, o traje deve ser composto de uma boa calça - de alfaiataria ou até mesmo de jeans escuro - uma camisa e um blazer bem cortados.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 30 set. 2010, Empresas, p. B6.

A utilização deste artigo é exclusiva para o Portal de Notícias